

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Lafayette, PARIS

Telephone : 324-26

| | | | |
|------------------------------------------------------------------|-------------------------|-----|------|
| PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de parte) Pagamento adiantado | Anno | Fr. | 14 » |
| | Semestre | — | 7.50 |
| | Numero avulso | — | 0.30 |

SUMMARIO :

O sr. Theophilo Braga e o caso dos "diplomatas".
A chantagem dos "papéis compromettedores". Onde se entrevê o futuro
de D. Juan Menezes de Valbuena e o do sr. Affonso Costa.
A questão do jogo. O sr. Affonso Costa e o seu escrupulo solitário...



RA bom, foi preciso fazer-se a Republica em Portugal, e a Republica tal qual é, para que ao cabo dos cincoenta annos da sua vida de publicista, quer dizer, cincoenta annos de farejo e de rebuscadelas por todos os caixotes de lixo do Passado, o sr. Theophilo Braga ehégasse, emfim, a encontrar um thema digno do seu feitio moral e intellectual, como chronista dos factos e dos homens... Especie de *correspondente da provincia* para os diarios da Historia, e dos da casta mais damninha e mexeriqueira, nunca a *suprema lucilação da cerebração universal* conseguiu ver, com effeito, no portentoso drama da Humanidade, mais do que uma como que amplificação do ramerrão mesquinho d'um burgo sertanejo, que elle se deliciasasse a envenenar com toda a intrighada pelintra dos seus boatos, das suas murmurações, das suas aldrabices e das suas discussões de botica (*).

(*). A respeito do criterio do sr. Theophilo Braga como historiador, o dr. Martins de Carvalho escrevia ha tempo, n'um dos seus magistraes artigos para a FOLHA DO DIA : — « Quanto á critica, é a d'um soalheiro, que estendesse ao passado a sua alçada maledicente ; é uma bisbilhotico que se não sacia no presente, e remonta pelas idades dentro. É uma demão transparente e ephemera de calão positivista, sobre um fundo macisso de jacobinismo. »

E' photographico.

Com as suas vistas limitadas, o seu espirito setario, a sua averiguada carencia de probidade scientifica e a sua incomprehensão dos mobses da Historia, é o snr. Theophilo insusceptivel de nos dar em quatro paginas, nem em quatro mil, a physionomia exacta d'uma época, a verdadeira significação d'um acontecimento, o sentido e a razão d'uma corrente d'ideias : assim como d'evocar uma figura, collocando-a sob a luz propria do seu tempo e do seu meio. Mas é capacissimo d'escrever oito volumes pela satisfação de divulgar as infidelidades conjugaes da mulher d'um Pharaó, ou para desacreditar certo Prefeito dos Viveres que pareça ter commettido um desvio de trigos na segunda distribuição d'Antonino Pio...

Comprehende-se portanto muito bem que, dada esta sua innata propensão para o « genero infimo », seja o snr. Theophilo Braga, por predestinação providencial, o chronista indicado para um regimen como o da Republica Alfacinha, cuja primeira e mais visivel caracteristica é exactamente o que n'ella, nas suas origens, nos seus actos, nos seus aspectos e na psychologia dos seus homens ha, consubstancialmente, de sordido, de pifio, emfim de *reles* na propria e rigorosa accepção do termo.

Estou em acreditar que foi só e expressamente para fazer a historia d'esta Republica que o snr. Theophilo Braga nasceu ; mas que havendo-se antecipado em vir ao mundo (na precipitação, por certo, de não querer perder a vez para a Presidencia) teve que andar por cá a fazer tempo, applicando ao estudo dos seculos idos um methodo, com que o Ente Supremo o dotára para a analyse, exclusivamente, da frandulagem jacobina sua coeva.

Historiador d'escandalo e de porta de rua, os seus heroes tinham que ser, necessariamente, os Camachos, os Eusebios, os Augustos de Vasconcellos, os Joões Chagas.

Deve dizer-se os *carões do snr. Theophilo*, como se diz n'outro sentido os *carões de Plutarcho* ; e, assim, não é senão muito de pedir que em additamento á

Historia de Portugal a *suprema lucilação* nos dê em breve a sua Historia da Republica — sob condição porém de a fornecer em volume separado e só a requisição especial, como se faz para as sicalípticas de determinados poetas.

Não corre o snr. Theophilo Braga, ao historiar a Republica, o risco de cair nos erros grosseiros, nos frisantes anachronismos, nas incoherencias e contradicções manifestas, que constituem a unica e insufficiente amenidade das arrobas e arrobas de modorrentissimas paginas com que o insigne pensador ha mais de meio seculo vem vestindo, por obra de misericordia, toda a chouriçaria nacional, no trajecto derradeiro da tenda para a panella. Não o corre porque enfim, que historiador seria então o snr. Theophilo, se não pudesse ao menos historiar aquillo que lhe passou pelas mãos, os successos a que assistiu, os episodios em que pessoalmente interveiu? E tanto assim é, que pela primeira vez desde que faz historia o snr. Theophilo vê enfim todos os testemunhos, a opinião geral e a evidencia dos factos, tudo concordante em corroborar o seu impagavel depoimento nas columnas do DIA, por intermedio da animada entrevista em que desenvolveu, salgou e apimentou as suas originarias declarações ao SECULO...

Era tempo d'acertar ao menos uma vez na vida !



« Governo algum — disse o snr. Theophilo — póde tomar a serio como diplomatas os individuos que presentemente occupam as legações de Portugal ».

Decerto. Não podem tomar, nem tomam.

Ao snr. Sidonio e ao snr. Teixeira Gomes — o das *fushias*, o do *manifesto ao povo ingez* — tanto os não tomam a serio, que os tristes « diplomatas » se vêem reduzidos a gastar — e em vão — toda a sua pericia, que deve ser notavel, n'uma lucta verdadeiramente talleyrandesca para vêr se obteem uma simples entrada de favor — uma supplementar, uma

dobradiça — na sala de jantar dos respectivos Chefes de Estado ; tendo o de Londres desistido já, ao que se diz, da pugna ingente e formidolosa, ao passo que o sr. Sidonio vae ficando, a deitar-lhe de contas que mais vale ainda assim jantar nas cozinhas do Kaiser do que não ter na Patria para um *lunch*.

Ao sr. João Chagas é evidente que menos o tomam a sério, não só porque, conforme disse o sr. Theophilo, quando elle vein para Paris já o ministro da França em Lisboa *tinha as suas informações* (e tanto bastava) mas ainda por duas outras razões, que em vista d'isto poderemos considerar como meramente subsidiarias : *primo*, ninguem toma a serio um « diplomata » que depois d'encontrar difficuldades de peso no seu *agrément*, por parte do governo junto do qual pretendem installal-o, e que o considera *indésirable*, insiste, mette empenhos, e se submete a vir emfim na qualidade de tolerado (*) ; *secundo*, nos meios sociaes em que o sr. Chagas agora provisoriamente vagueia não se costumam levar a sério as pessoas que, por seu turno, tomam a brincar os mais injuriosos ataques dirigidos contra a sua honra, ou pelo menos contra o sitio onde ella devia estar.

Ao sr. Augusto de Vasconcellos, depois de o recu-

(*) Quando o sr. Chagas se jactou de ter sido elle quem alcançára da França o reconhecimento do actual regimen, logo o sr. Bernardino Machado cordalmente lhe retorquiu, em entrevista publicada nos jornaes, que não ; que elle Bernardino nunca tivéra difficuldades em fazer reconhecer a Republica ; mas que as tinha encontrado, e sérias, para fazer reconhecer certos diplomatas seus.

Não escapará ao leitor como isto define simultaneamente o regimen que propoz taes « diplomatas », não desistindo d'elles, como por dignidade lhe cumpria, desde que viu mal acolhidos os seus nomes ; os proprios candidatos, teimando em se introduzir na casa alheia contra a vontade expressa dos respectivos donos, e o então ministro dos Estrangeiros sob este triplice aspecto : como defensor do brio do paiz, como observante da discreção a que obriga o cargo que exerceu, e emfim como amigo e correligionario dos infelizes « diplomatas », cuja deploravel odysseia veiu revelar immediatamente, á primeira picada que lhe déram na vaidade.

E' sempre assim. As velhacarias do sr. Bernardino são todas muito complexas.

sarem em Londres não o tomaram a sério em Madrid, não só por elle ser de sua natureza caricato, mas ainda porque não ha governo que tome a sério um « diplomata » que o seu respectivo ministro dos Estrangeiros vem offerecer em segunda mão, como os cauteleiros de Lisboa clamam á ultima hora para o jogo de rebotalho — « O 222 ! — *rejeitado por um careca !...* »

Ninguém toma a sério o snr. Eusebiosinho, porque não se toma a serio um « diplomata » que do palacio da legação, como decorre do que disse o snr. Theophilo, faz hotel para pernoitar ; ninguém toma a sério o snr. Bernardino porque elle não deixa, e porque quando o snr. Bernardino perdesse o grotesco irresistível que dinama da sua pessoa e dos seus actos, não era mais Bernardino, nem era nada. O ridiculo, no immarcescível auctor das NOTAS D'UM PAE, é uma especie de mólho, com que elle tempéra e disfarça as toxinas que segrega. Eu creio que o snr. Bernardino será o gerador natural d'aquelle famoso *gaz hilarante* que uma vez derramado n'um ambiente começa por fazer rir, e acaba por matar os que o respiram...

E emfim, nenhum governo igualmente toma a sério uma outra classe de representantes da Republica — aquelles que sendo antes, como se diz no formulario das chancellarias, ministros plenipotenciarios ou, em qualquer outra categoria, funcionarios diplomaticos de *Sa Majesté Très-Fidèle*, muito infiel e desassombradamente appareceram d'um dia ao outro como agentes do regimen revolucionario que destituirá o Rei, como se a farda que vestiam, symbolo da mais alta e honrosa confiança, não lhes fôsse mais que uma libré, á qual mudaram simplesmente as côres com uma indiferença que — diga-se em abono da lusa lealdade — não serviu sequer d'exemplo a todos os lacaios do Paço.



Está portanto muito certo, enquanto aos chamados « diplomatas » da Republica, aquillo que disse o snr. Theophilo Braga,

Ninguém os toma a sério.

Mas, e a elle, ao snr. Theophilo?...

Tambem não — e aqui é que está a moralidade, ou immoralidade completa do caso !

Porque se é uma vergonha que o paiz se encontre representado no estrangeiro por uma *troupe* de desqualificados intellectual, politica, e até em alguns casos moralmente — essa vergonha recáe integra e inalienavel sobre o regimen de que elles constituem uma emanação e um symbolo, e em particular sobre o governo que os escolheu e lhes deu as suas credenciaes.

Ora esse governo, para a maior parte, foi aquelle de que o snr. Theophilo Braga era nem mais nem menos do que o chefe.

Não tinha o snr. Theophilo uma intervenção efectiva nos actos do governo ?

Sim, nós já sabemos com effeito que esse homem profundo, « o Mestre », o grande sociologo da Republica, o auctor das SOLUÇÕES POSITIVAS DA POLITICA PORTUGUEZA, quando installado no governo do paiz não só não solucionou nem tentou solucionar coisissima alguma, mas pelo contrario, passou a resonar todo o tempo que não estava a proferir dilates ou a perpetrar inconveniencias incompativeis com o mais rudimentar senso-commum. Sabemos hoje, por confissão do genial Camacho, que até os collegas do snr. Theophilo, dominados pela mais justa e respeitavel emulação ao vêrem que a cada uma das asneiras do ministerio correspondia invariavelmente o seu chefe com outra ainda maior, resolveram tentar, para excedel-o, um lance supremo e gigantesco ; e reunindo n'um mesmo e desesperado esforço as suas sete cabeças, como se fôsem a d'uma cavalgadura só, arrancaram de lá a ideia portentosa de mandar dizer ao governo de Madrid que o homem escolhido pela Republica triumphante para logo d'entrada presidir á tarefa luminosa e redemptora... « *não era inteiramente responsavel pelo que dizia* » !...

Mas evidentemente, se se quer entender que esta prerogativa da irresponsabilidade mental, — outor-

gada ao sur. Theophilo para fazer as vezes da irresponsabilidade constitucional d'alguns Chefes d'Estado — o exonera de culpas na escolha do inverosimil pessoal diplomatico da Republica, isso todavia não concorre para que os estrangeiros, ou os nacionaes, o tomem a elle mais a sério do que aos proprios « diplomatas » que lhe serviram de conducto no delicioso almoço presenciado pelo collaborador do DIA...

Tudo, é claro, sob o ponto de vista intellectual e politico.

Porque moralmente falando, o grande homem da Republica deu o que tinha a dar, quando com um despejo incomparavel transferiu para os diplomatas... balkanicos (!) as referencias affrontosas que fizera aos seus correligionarios, negando como um garoto de rua — com a mesma desfaçatez e com a mesma inhabilidade — tudo aquillo que tinha dito ao jornalista.

Isto não surprehendeu ninguem que conheça mesmo de leve a biographia do sujeito.

Mas havia uma pessoa que tinha ainda obrigação de respeitar um pouco o nome do sur. Theophilo : essa pessoa era elle mesmo.

Tinha obrigação d'isso, porque sempre caprichou em ser excentrico.



A chantagem dos "papeis compromettedores" Mais uma vez, na casa de malta que elles chamam o Parlamento, veio outro dia á baila a chantagem dos « papeis compromettedores. »

O leitor sabe de que se trata. Alguns conhecidos *filous* da Republica, quando se vêem em embarços, declaram a quem os quer ouvir que teem na algibeira uns papeis medonhos, comprovativos das mais negras machinações contra a Patria.

A responsabilidade que esses suppostos papeis envolvem é attribuida variavelmente, conforme as conveniencias de momento dos *maîtres-chanteurs* : umas vezes ao Senhor D. Manuel, outras ao seu ul-

timo ministro dos Estrangeiros, outras ainda a entidades indeterminadas que se designam então por estes vagos termos : os *monarchicos*, os *thalassas*, a *reacção*...

O sr. João de Menezes, — o auctor da outra chantagem gorada sobre as famosas cartas d'El-Rei D. Carlos, no tempo do sr. João Franco — pondo a sua intelligencia frança-borgiana ao serviço d'aquella ousadia de lingua tão vulgar nos que tem a consciencia de poder sempre desmaiar a tempo, deixou-se dizer, logo ao principio d'este regabofe, que esses papeis tinham sido mostrados ao sr. Paiva Couceiro.

Era mentira. Paiva Couceiro fez-lh'a engulir mesmo de longe.

D. *Juan Valbuena* tragou-a com effeito ; mas como prova de que os papeis existiam, offereceu então esta coisa imprevista : a palavra d'honra... do coronel Barreto !

Para isso, tambem podia ter dado a sua.

Mais tarde, nas vespersas da segunda incursão, a chantagem reapareceu. Mas Paiva Couceiro inutilisou-lh'a — se é que ella ainda era utilisavel — declarando publicamente que renunciaria aos seus projectos de restauração monarchica logo que, embora reservadamente, lhe fôsse dado conhecimento dos taes papeis, e elles provassem o que os republicanos diziam.

Este golpe era certo, porque toda a gente comprehenderia, como comprehendeu, que se semelhantes documentos existissem não perderia a Republica a occasião de por aquelle facil meio se vêr livre da conspiração de Couceiro, e não só do pavor que lhe fazia, mas das despesas enormes e das complicações internas e externas de toda a ordem, que d'ella directa e indirectamente dimanavam.

Effectivamente, veiu uma roda d'insultos sobre o honrado official (a cujo alcance, é claro, os insultantes não se encontravam) mas os papeis é que não viéram, nem podiam vir desde que não existem.

Agora d'esta vez, o episodio foi completamente caracteristico.

Ergueu-se D. *Juan Valbuena* a perguntar se não seria tempo de a Republica dar por esgotada a sua... *generosidade*, e communicar ao mundo o que (decerto então por condescendencia para com os auctores da traição) não quiz communicar secretamente a Cauceiro : os *papeis compromettedores*...

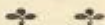
E o outro emerito *operador*, o snr. Affonso Costa :

— Não, por enquanto é cedo. A Republica quer encher-se de razão...

Perfeito, não é verdade?

Ao menos estes tratantes, quando um dia estiverem na cadeia a expiar os seus crimes, que são muitos e não só posteriores á Republica (*Valbuena* bem o sabe) já teem em que se entreter. Começarão por toda a parte a chover cartas : « *Snr., um prisioneiro republicano, sabendo o sitio onde se encontram cinco contos enterrados, pede um pequeno adiantamento...* » etc.

E' o golpe do *thesouro escondido*, que apesar de muito velho e gasto sempre vae pegando mais que o dos *papeis compromettedores*...



O unico E' Monte-Carlo quem estipendia, **escrupulo..** como alguns affirmam, os zelos anti-batotinos do snr. Affonso Costa? E'

Nice, como querem outros, lembrando que esta estancia começa a passar de moda e que a abertura d'uma outra, com o attractivo da novidade, a desfalcaria consideravelmente?

Que seja esta ou seja aquella, a nós é-nos indifferente — e ao snr. Affonso Costa tambem.

O facto certo é que sendo o actual e digno primeiro ministro da Republica Alfacinha um individuo absolutamente destituido d'escrupulos de qualquer natureza, é forte, é excessivamente forte, que queira agora impingir-se-nos como tocado de susceptibilidades a respeito exactamente do jogo, que, com ser um vicio

condemnavel, ainda assim não é dos que mais repugnam ao commum da humanidade.

E' forte e, alem d'isso, é de certo modo decepcionante.

Porque aquillo que ainda havia de sympathico no snr. Affonso Costa, era a particularidade de ser o que é, francamente, sinceramente, sem artificios, sem nenhuma especie de complicações ; uma personagem, emfim, que se podia mostrar ao estrangeiro, singelamente, com esta indicação desprezenciosa : *Aquí está um bandido portuguez — natural da serra d'Estrella...*

Se começa a querer-se tornar complexo, a subtilizar-se, a refinar-se, a fazer restricções a si mesmo, a introduzir *distinguos* capciosos no absoluto da sua impudicia, estraga-se ; quebra o que poderemos paradoxalmente chamar a sua linha de conducta moral, e isso não ha em Monte-Carlo dinheiro que o pague, nem paisagem que o valha em pittoresco...

Que o snr. Affonso Costa se venda está bem, em principio ; é logico, além de ser, segundo dizem os seus correligionarios, habitual. Mas *est modus in rebus* !...

Que se venda para introduzir um artiguinho *ad hoc* na lei do divorcio, ou para subrepticamente extrair outro da lei d'investigação da paternidade ; que se junte n'um lote com o snr. Eusebio da Fonseca e outros *monos* (como em estylo commercial se diz) e se adjudiquem de cambulhada á Companhia d'Ambaca, etc. — tudo isso não póde suscitar objecções da parte dos que o apreciam em todo o esplendor da sua coherencia.

Mas que se venda para defender a Virtude e proscriver o Vicio !...

Ha uma commissão encarregada de velar pelos monumentos nacionaes e ha, segundo creio, uma lei que prohibe a exportação das obras d'arte. Ou a lei ou a commissão devem ter que vêr com este caso.

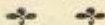
A harmonia do conjuncto do snr. Affonso Costa

não pôde ir-nos pela barra fóra a troco d'algumas miseraveis libras do estrangeiro.

Se fôssemos um paiz prospero, não faltariam decerto os amadores para o *piéor*, evitando-nos esta semsaboria.

Parece porém que nem o zelo dos proprios interessados na regularização do jogo deu grande coisa, pois a vimos defendida no seio da « representação nacional » apenas por algumas figuras secundarias da comparsaria.

Bem se vê que n'aquella terra está tudo pela hora da morte !



Em todo o caso, não queremos terminar por hoje sem ter chamado a attenção dos democratas em geral, que são naturalmente credulos no proloquio *vox populi, vox Dei* — para a seguinte significativa circumstancia.

O jogo d'azar encontrava-se prohibido sob a Monarchia, e alguns governantes mesmo se tornaram notados, tanto pela hostilidade irreductivel que oppunham á sua regulamentação como pelo rigor com que costumavam fazer cumprir as leis que lhe diziam respeito.

Um d'elles — para não falar em vivos — era, como se sabe, Hintze Ribeiro.

Ninguem jamais, nem mesmo os republicanos, se lembrou d'insinuar que similhante reluctancia pudesse ter qualquer explicação menos digna.

Arremette o snr. Affonso Costa contra o jogo — e é logo toda a nação a concordar :

— Está comprado !

E' curioso, como signal da distincção que apesar de tudo o bom-senso popular espontaneamente esta-

belece entre os homens d'Estado da Monarchia e os homens... d'estrada com que nos tem brindado a Republica.

ANNIBAL SOARES.

EXPEDIENTE

Prevenimos os SRS. assignantes em atrazo de que o proximo n.º 25 JA' NÃO SERÁ REMETTIDO ás pessoas que á data da sua publicação não tiverem satisfeito pelo menos a importancia do 1º semestre (Frs. 7,50).

Aos SRS. assignantes que desejem continuar a receber a CHRONICA pedimos pois que se dignem regularisar IMMEDIATAMENTE os seus debitos.

* * *

O 1º. vol. da CHRONICA DO EXILIO (n.º 1 a 26) será posto á venda durante o corrente mez de maio, LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA com as côres da bandeira nacional, AO PREÇO DE FRs. 10,50, (Rs. 2.200) importancia que deve acompanhar todos os pedidos, QUE D'OUTRO MODO NÃO SERÃO SATISFEITOS. (Registado, mais 25 centimos.) Aos requisitantes de Portugal, os volumes ser-lhes-hão expedidos DE DENTRO DO PAIZ.

Ao mesmo tempo podemos em separado á venda as mesmas CAPAS ESPECIAES para encadernação das colleções, fornecendo-as aos SRS. assignantes que as pedirem AO PREÇO DE FRs. 2,50 (Rs. 550) pagos ADEANTADAMENTE. (Registadas, mais 25 centimos.)

* * *

A Empresa acceta para pagamento, tanto d'assignaturas como dos volumes ou das capas especiaes, sellos de correio portuguezes ou francezes, vales postaes ou cheques.

Todos os pedidos, assim como a correspondencia relativa a esta publicação, devem ser dirigidos á NOVA SEDE :

EMPRESA EDITORA.

St. JEAN-DE-LUZ, France (Basses-Pyrénées.)

Maio 1 de 1913.

Em Paris a CHRONICA vende-se no kiosque junto ao GRAND CAFÉ (*Boulevard des Capucines*).